

**EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA
DO POEMA "TERRA DE PROMISSÃO", DE EULÁLIO MOTTA**

Pâmella Araujo da Silva Cintra (UEFS)

pamellaraujo18@gmail.com

Patrício Nunes Barreiros (UEFS)

patricio@uefs.br

RESUMO

O poeta baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) deixou uma grande quantidade de poesias inéditas que estão sendo editadas por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. No acervo do escritor, há esboços de livros que ele pretendia publicar, mas se mantiveram inéditos. Um desses livros foi intitulado pelo escritor como *Luzes do Crepúsculo*. Os textos que integraram esse livro estão preservados em cadernos, folhas avulsas e alguns foram publicados em jornais e antologias com a indicação de que fariam parte do livro *Luzes do Crepúsculo*. O presente artigo tem como objetivo apresentar a edição crítico-genética do poema "Terra de Promissão", que integra o referido livro. O poema dispõe de dois testemunhos (manuscritos), com variantes autorais que permitem observar o texto em movimento. A edição crítico-genética é o modelo editorial mais adequado para esse tipo de documento porque possibilita o estabelecimento do texto, mas também oferece um aparato de variantes e a análise das campanhas de escrita. Portanto, a edição apresentada fundamenta-se na metodologia da crítica textual e da crítica genética.

Palavras-chave: Eulálio Motta. Terra de Promissão. Crítica genética. Edição.

1. Introdução

O estudo realizado é mais um dos trabalhos ligados ao projeto de pesquisa "Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta", coordenado pelo professor Patrício Nunes Barreiros, na UEFS, e à pesquisa desenvolvida pela mestrandia Pâmella Araujo da Silva Cintra, a partir da proposta de edição crítico-genética do livro inédito *Luzes do Crepúsculo*, objeto de estudo da dissertação.

O poema escolhido para a edição integra o livro inédito *Luzes do Crepúsculo*, projeto editorial de poesia esboçado pelo escritor Eulálio Motta num caderno homônimo que contém 23 poemas inéditos escritos entre os anos de 1956 a 1968. O caderno encontra-se preservado no acervo pessoal do escritor. Além do caderno, constam também em seu acervo diversas poesias avulsas com a indicação de que seriam inseridas no referido livro.

Nesse estudo, a realização da edição crítico-genética do poema "Terra de Promissão" seguiu os procedimentos metodológicos da crítica textual e da crítica genética. O poema dispõe de dois testemunhos (manuscritos) com variantes autorais que permitem observar o texto em movimento. Como fundamentação teórica foram utilizados Patrício Nunes Barreiros (2012 e 2015) Maria da Glória Bordini (2001); Rosa Borges (2012); César Nardelli Cambraia (2005); Almuth Grésillon (2007); Louis Hay (2003) e Philippe Willemart (2009).

2. *Eulálio Motta: O Poeta*

Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) é um poeta nascido na pequena vila do Alto Bonito, na cidade de Mundo Novo (BA), manifestou o interesse pela arte da escrita ainda moço. Na infância, viveu tanto no Arraial de Alto Bonito quanto nas fazendas Morro Alto, de propriedade de seus pais, e na fazenda Vaca Parida, de seu avô. As lembranças das paisagens dos lugares da infância, dos acontecimentos e de pessoas mantiveram-se vivas no imaginário do poeta, tornando-se matéria importante de sua poesia.

Aos dezessete anos, em Monte Alegre, hoje Mairi, Eulálio trabalhou numa farmácia, ocasião em que conheceu uma jovem chamada Edy, por quem se apaixonou e mais tarde tornou-se uma espécie de musa inspiradora de grande parte da sua produção poética. Embora existam poucos dados a respeito de Edy e do seu relacionamento com Eulálio Motta, há muitas poesias que tratam dessa relação amorosa que passa pela paixão adolescente e pela desilusão amorosa, com final triste. Sobre isso, Franklin Machado chegou a produzir o poema abaixo que retrata a odisseia romântica do poeta de "água doce".

Sei de um poeta de uma cidade pequena,
 Isolada pelo sertão que uma vez na sua juventude,
 Apenas viu uma mocinha e perdeu-se de amor, literalmente
 [...]
 E quando ela faleceu colocou luto fechado até em sua alma
 Morreu logo depois, de tristeza ou desgosto
 Naturalmente na fé de rever a sua Fada-Musa (ou Santa)
 No céu
 Não era doido, somente um apaixonado
 Num mundo de puro romantismo que ele criou sozinho,
 Um verdadeiro conto de poesia que contado ninguém acredita.

(MACHADO, *apud* BARREIROS, 2012, p. 42)

No ano de 1926, Eulálio Motta deixou sua cidade para morar em Salvador, com o propósito de dar continuidade aos estudos. Ao ingressar no Ginásio Ipiranga, tornou-se amigo de jovens escritores como Adonias Filho e Jorge Amado.

No século XX, persistiu na Bahia a tradição literária dos séculos anteriores, pautada no romantismo, simbolismo e parnasianismo, pilares da literatura da época. Através da “elite” literária composta por juristas e médicos, a tradição se manteve, uma vez que a escrita de versos obedecendo aos estilos clássicos da antiga academia denotava prestígio social. Com isso, os poetas baianos do século XX adotaram o modelo da estética parnaso-simbolista do século XIX, mesmo quando já se anunciava um novo ideal de arte pelo movimento paulista de 1922 que não alterou a preferência da maioria dos poetas baianos pela poesia parnasiana, nem mesmo entre alguns jovens poetas, como Eulálio Motta.

A mudança de ares e o contato com produções literária, filosófica e política que circulavam na capital ampliaram a formação intelectual do jovem Eulálio Motta que passou a publicar seus textos em revistas e jornais da capital e do interior: jornal *Mundo Novo*, *O Imparcial*, *Caderno da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde*, e revistas *A Luva*, *A Renascença*, *Vanguarda*. (Cf. BARREIROS, 2012, p. 50-55)

De 1926 a 1933, data-se o período da alta safra de sonetos produzidos por Eulálio Motta, regados pelo lirismo romântico e à estética do parnasianismo. A partir do ano de 1933, nota-se na poesia de Eulálio Motta um interesse maior pela temática do sertão e suas tradições, experimentando o verso livre de modo mais contundente.

Durante os sessenta anos de vida dedicados à produção literária, Eulálio Motta escreveu em diferentes estilos literários, estando ou não em consonância com os modismos literários, sustentando um modo próprio de fazer poesia. Nos poemas do livro *Luzes do Crepúsculo*, prevalece o tema do amor não correspondido, expressando um sentimento de desencanto diante da existência. Além dessa temática, destaca-se ação im placável do tempo, as recordações da infância e os festejos populares.

3. O acervo do escritor como locus de pesquisa

A preocupação em preservar a memória literária brasileira através da criação de espaços que abrigassem os manuscritos dos escritores surgiu na década de 1930. No entanto, o aparecimento desses “lugares de

memória”, no Brasil, é tardio, a partir de 1960. O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV) são exemplos de instituições criadas para a preservação da memória literária, que abrigam acervos de escritores de forma sistemática para a produção de conhecimento. A Biblioteca Nacional é outra referência na guarda de documentação literária. Com o passar do tempo, as universidades passaram a ser depositárias dos acervos de escritores reconhecidos, doados pelas famílias.

Ao contrário do que se pensa, um acervo literário não se restringe apenas à possibilidade de pesquisas para os estudos literários, uma vez que os acervos são constituídos não apenas por documentos e artefatos ligados à atividade literária do escritor. Vale lembrar que muitos desses escritores eram intelectuais múltiplos engajados politicamente e que atuavam em outras instâncias.

No século XX, com a valorização da vida de sujeitos comuns, os acervos de indivíduos sem destaque político, social e intelectual passaram a despertar o interesse de historiadores, antropólogos, sociólogos que começaram a valorizar o cotidiano. Esse interesse dos pesquisadores tem contribuído de forma significativa na revisão da história, ao reconstituir eventos que confrontam fatos que privilegiam grupos da classe dominante, abordagem proposta pela nova história (Cf. BARREIROS, 2015, p. 31). Nesse sentido, os acervos de escritores que não estão inscritos no cânone, passaram a despertar o interesse dos pesquisadores.

Os acervos literários podem figurar como *locus* de inúmeras perspectivas de pesquisa à variedade de documentos que abrigam. Sobre isso, Maria da Glória Bordini comenta que:

Um acervo, em literatura, é um local tanto quanto é um conjunto de documentos escritos ou de objetos. Como lugar no espaço, é um endereço que contém a reunião de vestígios deixados por um escritor, mas também pelos outros escritores que com ele se relacionaram e, em última instância, pelos contatos estabelecidos por ele com sua comunidade e sua sociedade. [...]. Como agregado – sempre dinâmico – de documentos, forma uma rede de informações potenciais, com desdobramentos incontáveis, à espera de pesquisa ou simples contato, suplementando a literatura da obra de um escritor com esclarecimentos genéticos, biográficos, geracionais, históricos, filosóficos, enfim, de toda sorte. (BORDINI, 2001, p. 32)

Dentre os tipos de pesquisadores interessados em documentação de fonte primária estão os estudiosos da crítica genética, que enxergam o acervo como laboratório da criação do escritor, pois são constituídos, muitas das vezes, por rascunhos, notas de leitura, esboços de projetos,

testemunhos da obra e outros documentos prototextuais de grande importância para estudar a gênese dos textos.

Segundo Taylane Vieira Santos (2016), a filologia tem possibilitado o encontro do leitor com textos literários esquecidos e renegados à escuridão dos velhos baús dos escritores. Por meio da edição, os textos ressurgem e assumem o *status* de obra quando lidos e em circulação, e isso é o que a pesquisa em acervo de escritores, sejam eles canônicos ou não, tem possibilitado ao promover o estudo e a edição dos textos que se encontram fora do alcance dos leitores.

O acervo do poeta Eulálio Motta é um *locus* de pesquisa que tem subsidiado o trabalho filológico desenvolvido pelo grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD), possibilitando a circulação de obras editas e inéditas de um poeta baiano.

O acervo do poeta mundo-novense concentra um grande volume de documentos salvaguardados pelo próprio escritor entre os anos de 1923 e 1988. Além de materiais heterogêneos que vão desde rascunhos e esboços de obras inacabadas a objetos como a máquina de escrever do escritor. Todas as pesquisas realizadas em detrimento desse acervo revitalizam um passado preservado no anonimato, que revelam uma literatura do sertão baiano pouco explorada pela historiografia literária. (Cf. BARREIROS, 2015, p. 33)

O acervo de Eulálio Motta constitui-se de 2.416 documentos que compreendem o período de 1910 a 1988. Parte dessa documentação foi obtida através da doação de familiares e amigos do poeta. A organização do acervo deu-se de acordo com a ordenação estabelecida pelo titular. Abaixo, segue a descrição do espólio do escritor dividido em 9 séries:

- Cadernos: 15 documentos. Sendo 3 cadernos de poesias e 12 diversos;
- Correspondências: 88 documentos divididos em correspondência ativa, passiva e de terceiros;
- Datiloscritos: 39 documentos divididos em datiloscritos do titular e de terceiros;
- Diplomas: 9 documentos;
- Documentos pessoais: 11 documentos divididos como sendo do titular e de terceiros;

- Fotografias: 869 entradas + 1 álbum com 53 fotos identificadas e não identificadas;
- Impressos: 1.284 documentos divididos em livros, folhetos, panfletos e jornais;
- Manuscritos dispersos: 68 documentos;
- Outros: documentos e objetos que não se enquadram nas outras séries, tais como a máquina de escrever e a coleção de cédulas de dinheiro.

4. *Entre a crítica textual e a crítica genética: a edição crítico-genética*

A crítica textual, como ciência que busca o estabelecimento do texto, surgiu no século XIX como disciplina científica após adotar o método lachmaniano criado pelo alemão Karl Lachmann. Tal método instituiu o rigor necessário para o estabelecimento do texto crítico. Segundo César Nardelli Cambraia (2005), a crítica textual tem como objetivo a restituição do texto à sua forma genuína. Nessa época, o filólogo possuía apenas cópias de cópias do manuscrito original ausente, cabendo ao editor a tarefa de reconstituir o texto o mais próximo possível do texto original perdido.

No século XX, o método lachmaniano passou a ser questionado e adaptado à nova realidade instaurada. A busca do editor deixa de ser pelo texto original perdido em detrimento do ânimo autoral ao lidar com textos autorais e a grande quantidade de testemunhos autógrafos. Contudo, a preocupação da crítica textual continuou sendo o estabelecimento do texto sustentado na concepção de que somente um testemunho, o considerado ideal, deveria se tornar conhecido. Os demais testemunhos de um mesmo texto entravam na categoria de variante, como prova documental da veracidade do texto tido como ideal. Sem dúvida, por meio da edição de textos, a crítica textual tem contribuído de forma significativa na recuperação e preservação da memória literária de diferentes épocas ao possibilitar que tais textos possam ser lidos por estudiosos e leitores diversos.

De acordo com Almuth Grésillon (2007), é a partir da tradição editorial alemã de Karl Lachmann, mais especificamente com a concepção da edição crítica criada em 1937 por Friedrich BeiBner que se encontra o interesse pela concepção dinâmica do texto. É a partir desse novo

modelo de edição crítica que se institui o aparato crítico das variantes denominado de aparato sinóptico, onde se confronta cada segmento do texto de base com todas as variantes de gênese presentes no conjunto de testemunhos. Desse modo a “história do texto” é apresentada permitindo pensar a obra em termos de processo. Nesse contexto, o surgimento do fac-símile tornou o manuscrito multiplicável, favorecendo sua exploração por parte dos pesquisadores e facilitando o trabalho do filólogo além de privilegiar o estudo de gênese.

Entende-se, então, que o método editorial alemão já atentara para a importância do manuscrito e na concepção de texto como algo móvel, contrariando o estruturalismo. Assim, a crítica genética foi se alimentando e surgiu na década de 1970, na França, a partir de Louis Hay. Sobre o objeto, o método e a finalidade dessa ciência, Almuth Grésillon (2007) afirma que ao contrário da edição crítica que toma o texto como objeto, essa nova ciência tem como objeto o manuscrito literário, por portar traços que evidenciam a dinâmica do texto; o texto em criação. Seu método consiste em formular hipóteses sobre as operações de escritura e sua finalidade contraria a ideia do fazer literário como consequência de uma inspiração divina. Sobre isso, Philippe Willemart comenta que

[...] deslocando o olhar do pesquisador do produto acabado para o processo [...] Uma das consequências desse deslocamento é a maior inteligibilidade que temos do texto e do ato de criação. O que parecia misterioso e atribuído pela tradição e pelos românticos a uma musa, é mais visível e mais claro; ainda há obscuridades, já que o manuscrito também é feito de um trabalho mental desconhecido, mas percorrendo a correspondência, as margens dos livros lidos, os manuscritos, as edições diversas de uma mesma obra, os esboços das produções artísticas e científicas, percebemos caminhos indicando, por exemplo, que a mente dos escritores segue regras comuns, compartilhadas com os cientistas.

Muitos poetas e escritores se interessaram em uma crítica fundada na literatura em ato, em um estudo que desse conta do processo de fabricação, do *modus operandi* do texto literário. Edgar Allan Poe exemplifica a noção de literatura como construção ao escrever o texto intitulado "A Filosofia da Composição", no qual o escritor descreve a composição do seu poema "O Corvo" como um labor metódico e analítico. Nas palavras do autor, sua intenção ao escrever esse ensaio foi “[...] demonstrar que nenhuma parte da composição pode ser atribuída ao acaso ou à intuição, e que a obra caminhou passo a passo em direção à solução, com a precisão e a rigorosa lógica de um problema matemático”.

Desse modo, a crítica genética é a ciência que parece atender a esse desejo de escrutinar o ateliê mental do escritor por meio do estudo do manuscrito, em busca de elucidar o processo criativo e a gênese da obra. Esta, em seus primórdios, nasce alimentada pela tradição editorial alemã de Friedrich BeiBner que, ao pensar a obra em termos de processo e introduzir na teoria do texto sua concepção dinâmica, alimenta também o nascimento de um novo tipo de edição: a “edição genética ou crítico-genética”.

Nas edições críticas convencionais, as variantes limitavam-se à função de integrar o aparato crítico do texto servindo apenas para justificar as escolhas do editor, não sendo de interesse para compreender as etapas de sua gênese. Por outro lado, na edição crítico-genética as variantes são valorizadas pelos geneticistas por revelarem as campanhas de escritura do texto em movimento. Sobre a função e a utilidade desse tipo de edição, Louis Hay afirma que

A edição genética não tem somente como função fazer ler ou fazer ver. Ela deve, também, fazer compreender. Qual foi o processo de trabalho do escritor? Como interpretar a função de um caderno, o lugar de um acréscimo, o destino de um rabisco? Daí, a utilidade de um comentário de acompanhamento da gênese [...]. (HAY, 2003, p. 76)

De acordo com Rosa Borges (2012, p. 61), esse tipo de edição “é uma prática editorial que concilia duas metodologias afins no campo da filologia: a crítica textual e a crítica genética”, pois prima pelo estabelecimento do texto crítico, mas seu objetivo centra-se no “processo” de criação do texto. Dessa forma, essa edição permite perceber a construção da identidade autoral do sujeito a partir das suas inconstâncias escriturais nas rasuras, acréscimos e/ou supressões presentes nos manuscritos.

5. A edição

Apresentar-se-á a edição do poema "Terra de Promissão" que dispõe de dois testemunhos manuscritos. O poema trata do desejo de fuga do eu-lírico do mundo, no qual ele considera impossível viver com a mulher amada, como única solução para viver esse amor ele prefere exilar o sentimento dentro de si, alimentando-o na ilha dos Sonhos, pois no inconsciente, solta a fantasia, a Terra de Promissão simbolizada no ser desejado é atingida.

5.1. Tipo de edição

A edição crítico-genética foi o modelo editorial empregado por se tratar de documento politemunhal em que os manuscritos portam traços que permitem observar o texto em movimento. Esse tipo de edição possibilita o estabelecimento do texto, mas também oferece um aparato de variantes e a análise das campanhas de escrita que evidenciam os caminhos percorridos pelo escritor na construção do texto.

5.1.1. Critérios

- a) Descrição dos testemunhos;
- b) Para cada testemunho é atribuído um código para orientar a estrutura do aparato;
- c) Análise das variantes;
- d) Justifica-se a escolha do texto de base;
- e) O texto crítico é apresentado da seguinte forma:
 - Linhas numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
 - O aparato à margem esquerda corresponde a cada linha do texto, sendo sinalizadas as variantes, em negrito, de cada um dos testemunhos indicados por meio do código previamente estabelecido na descrição dos testemunhos;
 - O aparato apresenta as variantes em ordem cronológica;
- f) Manteve-se o uso de maiúsculas e a pontuação;
- g) Atualização da grafia;
- h) Utilizou-se (/) para indicar “quebra de verso” e (v. i.) para indicar “verso inexistente”;
- i) Foi utilizado o seguinte operador genético para registrar o movimento de escritura do texto: { } segmento riscado, cancelado.

5.1.2. Descrição física dos testemunhos

TPM

Manuscrito do caderno *Luzes do Crepúsculo*, p. 32-33.

Texto em tinta azul, letra legível, o poema não apresenta rasuras. O título está centralizado grafado em letras maiúscula e minúscula. A

numeração da página na margem superior, lado esquerdo, encontra-se de tinta vermelha. A folha de papel está amarelada com partes do texto um pouco manchadas pela tinta da caneta, sem comprometer a leitura.

TPM1

Manuscrito avulso, código catalográfico EH1.851.CL.08.005

Poema em tinta azul, letra legível. Possui apenas uma rasura. Título centralizado em letra minúscula, com numeração da página na margem superior da folha, lado esquerdo, tinta vermelha. Documento em bom estado de conservação.

5.1.3. Seleção do texto de base

Por se tratar de dois manuscritos escritos no mesmo ano, optou-se pela escolha do testemunho sem rasuras que apresenta um texto coerente e bem articulado.

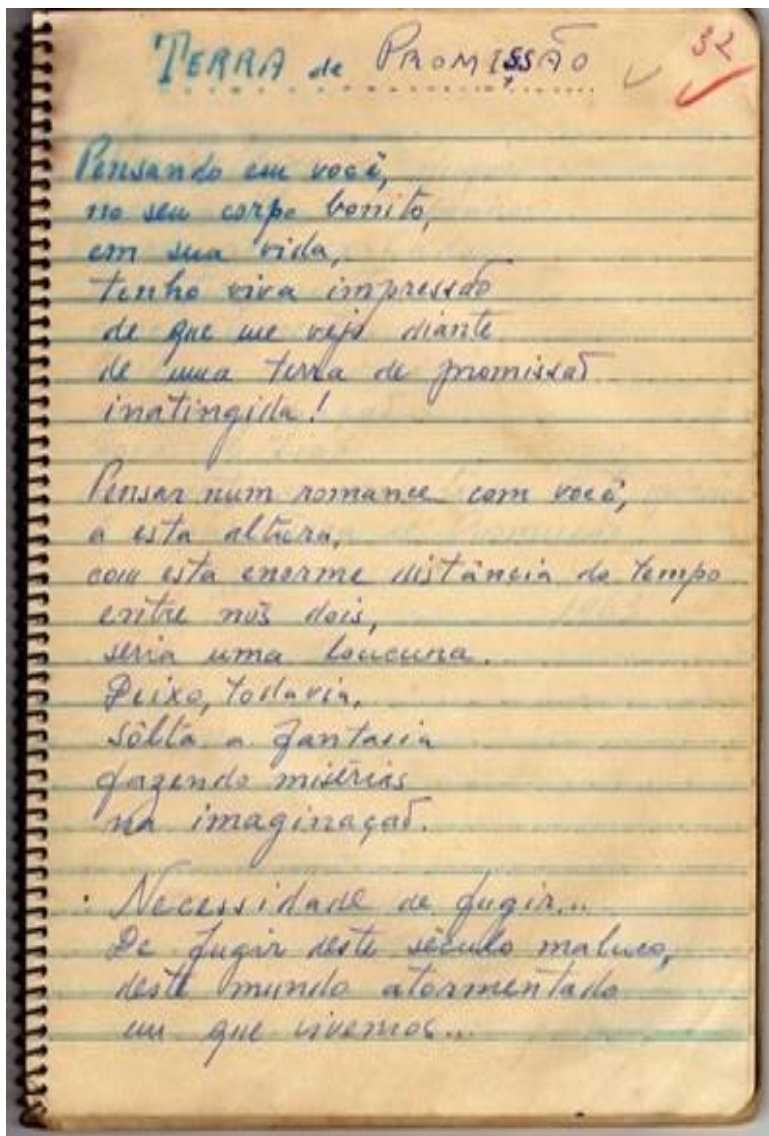


Fig. 1 – Manuscrito do poema "Terra de Promissão".

Fonte: Fac-símile do CLC (f. 32v).

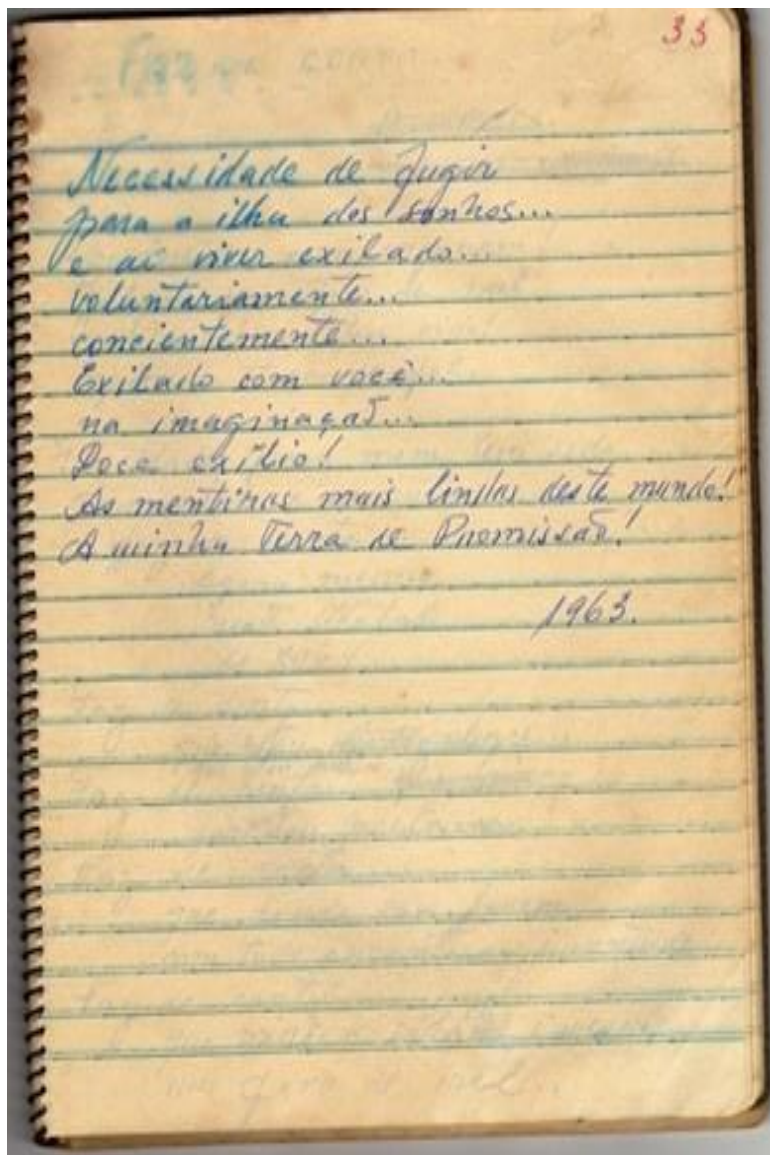


Fig. 2 - Cont. do manuscrito do poema "Terra de Promissão".

Fonte: Fac-símile do CLC (f. 33r).

5.2. Texto crítico com aparato

TPM

	TERRA de PROMISSÃO	TPM1 Terra de permissão,,,
5	Pensando em você, no seu corpo bonito, em sua vida, Tenho viva impressão de que me vejo diante de uma terra de promessa inatingida!	TPM1 de me encontrar diante
10	Pensar num romance com você, a esta altura, com esta enorme distância do tempo entre nós dois, seria uma loucura. Deixo, todavia,	TPM1 Pensar em viver um romance / com você TPM1 (v. i.) TPM1 (v. i.) TPM1 seria loucura,
15	Sôlta a fantasia fazendo misérias na imaginação.	TPM1 {que} a fantasia TPM1 fazer misérias na imaginação!
20	Necessidade de fugir... De fugir deste século maluco, deste mundo atormentado em que vivemos...	TPM1 fugir! TPM1 Fugir deste século medíocre TPM1 atormentado! TPM1 (v. i.)
25	Necessidade de fugir para a ilha dos Sonhos... e aí viver exilado... voluntariamente... conscientemente... Exilado com você... na imaginação... Doce exílio!	TPM1 necessidade de partir TPM1 sonhos... TPM1 exilado, TPM1 voluntariamente, TPM1 conscientemente
30	As mentiras mais lindas deste mundo!	TPM1 As mentiras mais lindas /deste mundo
	A minha Terra de Promissão!	TPM1 terra de promessa!
	1963.	TPM1 [Liota] TPM1 Novembro 963.

5.2.1. *Análise das variantes*

Na análise dos testemunhos foram verificadas variações a partir do título. Constatou-se acréscimos de versos e preferência pelo uso da recidência. Verificou-se que o escritor fez várias alterações na palavra *século*, já que em cada testemunho fez uso de uma palavra diferente. Sobre os versos que não integram o testemunho TPM1, percebeu-se que são importantes para a compreensão do empecilho que o eu-lírico enxerga para a concretude de um romance, pois evidenciam uma possível diferença de idade entre ambas as partes.

No testemunho de base, a grafia da palavra *sonho* com a letra inicial maiúscula difere da grafia do manuscrito TPM1, assim como o seu sentido. No primeiro, a palavra *sonho* significa nome de lugar e não o ato de sonhar presente no segundo. Além disso, foi notada a quebra de versos no testemunho TPM1, e uma outra variação encontrada diz respeito à assinatura do poema, no qual aparece o nome de um dos pseudônimos de Eulálio Motta.

6. *Considerações finais*

A realização da edição do poema "Terra de Promissão" além de mostrar o andamento da pesquisa de mestrado, possibilitou perceber o processo criativo de Eulálio Motta ao se estabelecer o aparato crítico-genético das variantes. Nesse sentido, verificou-se que a escolha do modelo editorial foi adequada para esse tipo de documento por possibilitar o estabelecimento do texto, mas também oferecer um aparato de variantes e a análise das campanhas de escrita.

Nessa edição, as variantes encontradas nos testemunhos do poema foram em parte pouco substanciais quando relacionadas à pontuação. No entanto, o acréscimo de versos e a grafia da palavra *sonho* com letra inicial maiúscula trouxeram outras interpretações para a compreensão do poema. O título também foi outra variação substancial importante por se tratar de uma metáfora constantemente evidenciada no poema do testemunho de base, já que a Terra de Promissão simboliza a mulher pretendida pelo eu-lírico.

O estudo dos manuscritos da poesia de Eulálio Motta mostrou a construção progressiva de uma poesia com contornos autobiográficos que revela aspectos da identidade do poeta. A edição empregada concili-

ou as práticas metodológicas de duas ciências do campo da filologia, a crítica textual e a crítica genética conforme apontou Rosa Borges (2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Patrício Nunes. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2012.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2015.

BORDINI, Maria da Glória. Memória Literária e novas tecnologias. *Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, vol. 7, n. 2, p. 31-5, jun. 2001.

BORGES, Rosa. Edição crítica em perspectiva genética. In: ____ et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012, p. 60-105.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Trad.: Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad.: Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

HAY, Louis. *A literatura sai dos arquivos*. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ate-liê, 2003.

SANTOS, Taylane Vieira. Edição do poema "Recordação de Monte Alegre": uma das canções dos caminhos de Eulálio Motta. *A Cor das Letras*, UEFS, Feira de Santana, vol. 17, n. 1, 2016.

WILLEMART, Philippe. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.